

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: 53

Data: 29/09/92 Pg.: _____

Dicionário indígena, está quase pronto

O índio Fulni-ô, Aluizio Sá, levou 12 anos para concluir o dicionário que está na revisão

Já vai longe o tempo em que os índios se contentavam com um simples apito.

Preocupados em preservar sua cultura, eles hoje buscam meios mais eficientes de chamar a atenção da sociedade. Que o digam os Fulni-ô de Aguas Belas (PE). É de lá que até o fim do ano sairá, nada mais nada menos, que o 1º dicionário de língua indígena que se tem notícia no Estado.

De acordo com técnicos do Grupo de Educação Indígena da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Estado, entidade financiadora da obra, já em outubro o dicionário em "Iatê" — dialeto fulni-ô — deverá estar entrando na gráfica. O autor o Fulni-ô Aluizio Caetano de Sá, conta que levou 12 anos para concluir os trabalhos, agora em fase de revisão.

Segundo ele, que há aproximadamente 35 anos mora no Recife, o dicionário é fruto de inúmeras pesquisas junto a estudiosos e entidades que trabalham com a questão indígena e também resultado de conversas que manteve com um velho Fulni-ô, logo que chegou na cidade. "Preocupava o fato de estar longe da tribo. Achava que ia esquecer a língua. No entanto, foi aqui que conheci muitos verbetes hoje incluídos no dicionário", diz.

Ele lembra que o conterrâneo o visitava praticamente todos os dias e que sempre anotava as palavras desconhecidas surgidas nas conversas. "Quando me dei conta, estava com um bom acervo de vocábulos em Iatê". Aluizio Caetano destaca também o apoio que teve do Núcleo de Estudos Indígenas da Universidade Federal de Pernambuco. "A professora Adair Palácio — estudiosa do assunto — passou-me informações por demais importantes. A ajuda dela foi fundamental", revela.

Os principais objetivos do dicionário, segundo o autor, é resgatar e documentar, costumes, tradições e lendas da sua tribo através da manutenção do dialeto. Todavia, ele avisa que os Fulni-ô são totalmente avessos à idéia da publicação aleatória do dicionário e que por isso a obra se restringirá a Universidades, grupos de estudos antropológicos e salas de aulas da tribo, em Aguas Belas.

Ele explica que os índios são

muito reservados no que diz respeito à divulgação de sua cultura, por temer descaracterizações e deturpações de costumes. Não é à toa, por exemplo, que nenhuma palavra relacionada à religião foi incluída no dicionário. "Essa parte foi deixada de lado. Comprometi-me com eles de não divulgar nada sobre os procedimentos religiosos da tribo", informa Aluizio Caetano, lembrando que mesmo assim foram levantados 30 mil verbetes ao todo.

Convênio com a Funai — O Grupo de Educação Indígena — Grei — foi fundado em 1989 e de lá para cá vem atuando sempre em convênio com a Funai, na capacitação de professores e do pessoal de escolas que recebem nas suas salas de aulas alunos das várias tribos do Estado. De acordo com Gizete Aguiar, técnica do grupo, atualmente estão envolvidas no trabalho da Secretaria da Educação, 13 escolas da Funai (exclusivas para índios) e 14 municipais que contam com índios matriculados, abrangendo um total de 2.630 alunos.

Ela lembra que além da capacitação de docentes, o Grei está empenhado na elaboração de um documento sobre a situação das sete tribos indígenas de Pernambuco. "Até agora fizemos o levantamento de dados dos Fulni-ô e dos Trukás de Cabrobó. Realizamos entrevistas e conversas com o pessoal das tribos a respeito do modo de vida, cotidiano, lendas e histórias, ligação com a natureza, sem falar que observamos como está organizada socialmente cada tribo, sua hierarquia, economia, religião e manifestações culturais".

Ela revela ainda que com esse documento o Grei espera poder contribuir para o fim do desconhecimento e do preconceito a respeito do índio. "Na escola é comum se passar uma imagem deturpada do modo de vida do índio. Pretendemos mostrar como o índio é e não como o índio foi", afirma frisando que esse posicionamento do grupo tem facilitado o acesso a informações nas aldeias. "Tentamos passar para eles que o trabalho é sério e é de interesse deles".

Além das tribos Fulni-ô e Truká, Pernambuco conta com índios Pankararu, em Tacaratu; Aticum, em Floresta; Kambiwá, em Ibimirim/Inajá; Xucuru, em Pesqueira e Kapinawá, em Buíque. Ao que parece, o som estridente e cansativo do apito, satisfaz os índios apenas na marchinha de carnaval.

Josué Nogueira, aluno do 8º período de Jornalismo da UFPE.



Radicado no Recife há 35 anos, Aluizio realiza um grande sonho indígena